

MAGSUL



FACULDADES MAGSUL

TATIANE BARROS CAMARGO

**FORMAÇÃO DE LEITORES CRÍTICOS: UMA ANÁLISE
DAS PRÁTICAS EM UMA ESCOLA DA REGIÃO DE FRONTEIRA**

PONTA PORÃ

2014

TATIANE BARROS CAMARGO

**FORMAÇÃO DE LEITORES CRÍTICOS: UMA ANÁLISE
DAS PRÁTICAS EM UMA ESCOLA DA REGIÃO DE FRONTEIRA**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
apresentado às Faculdades Magsul,
como parte dos requisitos para obtenção
do título de Licenciatura em Pedagogia.

Sob orientação da Professora Ma. Emne
Mourad Boufleur.

PONTA PORÃ

2014

TATIANE BARROS CAMARGO

**FORMAÇÃO DE LEITORES CRÍTICOS: UMA ANÁLISE
DAS PRÁTICAS EM UMA ESCOLA DA REGIÃO DE FRONTEIRA**

Monografia apresentada à Banca Examinadora das
Faculdades Integradas de Ponta Porã, como exigência
parcial para obtenção de título de Licenciatura em
Pedagogia.

Sob a orientação do(a) Prof.(a), Me.(a) Emne Mourad
Bouffleur.

Data de aprovação: 18/12/2014

Local: Faculdades Magsul

Banca Examinadora:

Orientador(a): Ma. Emne Mourad Bouffleur
Faculdades Magsul (FAMAG)

Membro: Esp. Maria Elizabeth Carneiro Minela
Faculdades Magsul (FAMAG)

Membro: Ma. Roseli Áurea Sanches
Faculdades Magsul (FAMAG)

PONTA PORÃ

2014

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, que me deu oportunidade de realizar o sonho de cursar o ensino superior.

Agradeço a minha família que me ajudou em todos os momentos para realizar este trabalho.

À professora e coordenadora do curso Emne Mourad Boufleur, que me orientou.

Agradeço a professora Maria Elizabeth Carneiro Minela, que se disponibilizou em me ajudar nos momentos em que tive dúvidas.

Enfim agradeço às minhas colegas e professoras que estiveram comigo nesta caminhada.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho primeiramente a Deus que me deu força a cada dia para continuar mesmo diante das dificuldades. À minha mãe Cirley da Silva Barros e meu pai Roberto Eduardo Camargo que sempre me incentivaram a continuar meus estudos. Aos meus filhos Daniel e Pedro e ao meu esposo Everton que sentiram minha ausência por várias vezes ao longo desses quatro anos. Às minhas colegas e professoras. Enfim, a todos que diretamente ou indiretamente contribuíram para que eu chegasse até aqui.

EPÍGRAFE

“O livro é um mudo que fala, um surdo que responde um cego que guia um morto que vive, e não tendo ação em si mesmo, move os ânimos e causa grandes efeitos”.

Padre Antônio Vieira

LISTA DE ABREVIATURAS

LDB - Lei de Diretrizes Bases

PCNs – Parâmetros Curriculares Nacionais

PNAIC – Pacto Nacional Alfabetização na Idade Certa

PPP – Projeto Político Pedagógico

LISTA DE FIGURAS

Figura 1.....	26
Figura 2.....	29
Figura 3.....	32

CAMARGO, Tatiane Barros. Graduação em Pedagogia licenciatura.
**FORMAÇÃO DE LEITORES CRÍTICOS: UMA ANÁLISE DAS PRÁTICAS EM
UMA ESCOLA DA REGIÃO DE FRONTEIRA.**

Monografia: Faculdades Magsul (FAMAG).

Orientadora: Prof^a Ma. Emne Mourad Boufleur. Ponta Porã- MS, 2014.

RESUMO

O estudo de caso tem como objetivo refletir sobre a importância da leitura para a formação social do indivíduo e suas implicações para a melhoria da qualidade de vida, a pesquisadora buscou compreender como as práticas de leitura têm contribuído para a formação de indivíduos leitores, haja vista que, a leitura é um ato indispensável para a qualidade de vida em uma sociedade, levando em consideração que o código escrito está presente em todos os lugares. As formas de interpretação que a leitura proporciona não só textual, mas da realidade circundante pode contribuir para a formação de sujeitos críticos e transformadores do meio em que vivem e quebram formas de alienação e opressão. O tema da pesquisa surgiu no Estágio Supervisionado, durante observações realizadas em uma escola municipal, ao perceber a dificuldade encontrada pelos alunos no ato de ler e compreender o que leem. Portanto, a pesquisa buscou analisar se as práticas docentes oportunizam aos alunos uma participação crítica.

Palavras-chave: Leitura, Formação, Práticas.

CAMARGO, Tatiane Barros. Degree in Education. **LA FORMACIÓN DE LECTORES CRÍTICOS: UNA ANÁLISIS DE LAS PRÁCTICAS EN UNA ESCUELA DE LA REGIÓN FRONTERIZA.**

Monografía: Faculdades Magsul (FAMAG).

Orientadora: Prof^a Ma. Emne Mourad Boufleur. Ponta Porã- MS, 2014.

RESUMEN

El caso de estudio tiene como objetivo reflexionar sobre la importancia de la lectura para el desarrollo social del individuo y sus implicaciones para la mejora de la calidad de vida, el investigador buscó comprender cómo han contribuido las prácticas de lectura para la formación de lectores individuos, dado el hecho de que la lectura es un acto esencial para la calidad de vida en una sociedad, teniendo en cuenta que el código escrito está presente en todas partes. Las formas de interpretación que la lectura proporciona no sólo textual, pero la realidad circundante pueden contribuir a la formación de sujetos críticos y transformadores de medio ambiente en que viven las formas de ruptura de alienación y opresión. El tema de la investigación apareció en la pasantía supervisada por observaciones realizadas en una escuela municipal, dando se cuenta de la dificultad de los estudiantes en el acto de la lectura y la comprensión de lo que leen. Por lo tanto, la investigación trató de examinar si las prácticas de enseñanza nutrir a los estudiantes con una participación crítica.

Palabras clave: La lectura, La formación, La práctica.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 BREVE CONTEXTO HISTÓRICO DA LEITURA	14
2.1 Leitura: um conceito.....	18
2.2 As práticas de leitura e a formação do sujeito leitor.....	22
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	24
3.1 Lócus da pesquisa.....	26
3.2 Sujeitos da pesquisa.....	27
4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	27
4.1 Análise documental: O Projeto Político Pedagógico.....	27
4.2 As observações e a entrevista.....	28
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
REFERÊNCIAS	36
APÊNDICE	38
APÊNDICE A	39

1. INTRODUÇÃO

Em uma sociedade em que o código escrito se faz presente, o ato de ler se torna condição indispensável para a inserção e ajuste do indivíduo no meio social. Entretanto, o hábito de ler tem sido um desafio encontrado no meio escolar, pois como veremos a realização da leitura não se define na decodificação de letras e símbolos, compreender o que lê e o posicionamento crítico diante do que se lê, levando o aluno a criar hábitos de leitura dentro e fora da escola se torna o desafio, pois como afirma Martins (1982, p.23) “é sabido que nenhuma metodologia de alfabetização, avançada ou não, leva por si só à existência de leitores efetivos”.

Considerando que a escola é o principal espaço para constituir o sujeito leitor, como afirma Silva (1997, p.91) “é, pois principalmente no âmbito da escola que as expressões "aprender a ler" e "ler para aprender" ganham o seu significado primeiro, apontando, inclusive, os efeitos que devem ser conseguidos pelo trabalho pedagógico na área de formação e preparo de leitores”.

A reflexão desta problemática se deu através das observações dos estágios onde se verificou a dificuldade encontrada pelos alunos no ato de ler e compreensão da leitura, outro fator importante que corroborou para a pesquisa foi a leitura do livro de Marlene Carvalho, *O guia prático do alfabetizador*, no qual a autora ressalta a diferença entre alfabetização e letramento que nos leva à compreensão da função social da língua escrita e o interesse de compreender o papel do pedagogo não só como alfabetizador, mas também como incentivador de leitores, buscando que seus alunos compreendam a função social da língua escrita. Após verificar essa dificuldade surgiram questionamentos relevantes para abordagem do tema; O que fazer diante dessa realidade? Como os professores trabalham as práticas de leitura? As práticas de leitura estão contribuindo para a formação do aluno leitor? Dessa forma têm como pergunta condutora; As práticas de leitura contribuem para a formação de leitores críticos?

Portanto, o tema desta pesquisa tem por objetivo refletir sobre a importância da leitura para a formação social do indivíduo e suas implicações para a melhoria da qualidade de vida, analisando de que forma os profissionais da educação estão trabalhando as práticas de leitura para uma formação de futuros leitores críticos.

A pesquisa de campo de caráter qualitativo pretende responder esses questionamentos tendo como objetivos específicos: o estudo bibliográfico do caso; através da observação das práticas de leituras, realizada pelo docente; buscando compreender como os profissionais estão levando em consideração a importância da leitura para o ajuste social do indivíduo atuante e crítico na sociedade; observar a participação e o envolvimento dos alunos durante a prática de leitura.

A primeira seção trata da introdução, na segunda seção é feito um contexto histórico da leitura no processo de evolução do homem para levar o leitor a compreender que o ato de ler não se restringe apenas em decifrar o código escrito, haja vista que, nem sempre a escrita fez parte das sociedades, mas surge com a necessidade de comunicação do homem. Esta seção ainda traz o conceito de leitura segundo, essencialmente Paulo Freire, Ezequiel Theodoro da Silva e outros autores, além de abordar aspectos importantes para a formação de leitores críticos. Na terceira seção encontra-se a metodologia utilizada na pesquisa, posteriormente, na quarta seção os resultados da pesquisa.

2. Breve contexto histórico da leitura

O código escrito está presente em todos os lugares, diariamente nos utilizamos dele para realizar tarefas e afazeres como ir ao mercado, comprar um produto, enviar mensagens, e-mail, etc. Entretanto, ler ainda tem sido um desafio para a escola, tendo em vista o número de analfabetos no Brasil. Segundo Piletti (2010) em 2005 o Brasil apresentava uma taxa de analfabetismo de 11,1% equivalente a 15 milhões de pessoas que declararam não saber ler ou escrever, índice mais elevado entre pessoas pobres, negros e idosos. Em 2015 as projeções indicam que a taxa de analfabetismo no Brasil estará em 7%, o que indica que o país não atingirá a meta proposta para 2015 de reduzir a metade dessa proporção, Piletti ainda aponta outro fator relacionado a este problema: o analfabetismo funcional.

Segundo o MEC, o analfabeto funcional é aquele que frequentou a escola por menos de quatro anos, e mesmo sabendo ler e escrever frases simples, não possui as habilidades necessárias para satisfazer as demandas do seu dia a dia e se desenvolver pessoal e profissionalmente (PILETTI, 2010, p.101).

Dessa forma a pesquisa pretende analisar as práticas de leitura realizadas no âmbito escolar, buscando compreender aspectos na formação do leitor, para isso recorreremos à história para melhor compreendermos como a leitura está envolvida na evolução humana. Portanto, abordaremos nesta seção um pouco da história da leitura visando compreender que a leitura precede a escrita, buscando mostrar que o aparecimento da escrita impulsionou o avanço das sociedades, assim aprender a ler se torna condição para que o indivíduo se torne participante dos processos sociais. “Apesar de a leitura e a escrita estarem plenamente relacionadas, a leitura é, na verdade, a antítese da escrita” (FISCHER, 2006, p. 8).

Para o autor “a leitura teve muitos significados diferentes para vários povos”. Torna-se necessário compreender o processo de evolução da leitura para entendermos a importância desta para a sociedade atual. Pois, como afirma Morin: “todo conhecimento deve contextualizar seu objeto para ser pertinente” (2007, p.47). É preciso situar as informações dentro do seu contexto para que tenham sentido, pois um dos problemas com que a educação se defronta são os saberes divididos e compartimentados, portanto, “conhecer o humano é, antes de tudo, situá-lo no mundo e não separá-lo dele

(MORIN,2007, p.47). Para o autor nossa condição humana implica questionar primeiro nossa posição no mundo; para ele os fluxos de conhecimentos trazem uma nova luz sobre essa condição humana no universo.

Os progressos das ciências, da cosmologia, da biologia, da ecologia, pré-história modificaram as ideias sobre o universo, a terra e o homem, porém esses conhecimentos estão fragmentados, o que torna impossível conceber o homem em sua complexidade de forma disjuntiva. “A importância da hominização é primordial à educação voltada para a condição humana, porque nos mostra como a animalidade e a humanidade constituem juntas nossa condição humana (MORIN, 2007, p. 50-51)”. Portanto, torna-se importante reconhecer os processos por que se iniciou a leitura, para compreendermos a sua necessidade nos tempos atuais. Assim,

aparentemente, a leitura ocorre de modo superficial e parasitário, associada a processos de observação cognitivos primitivos, como orientação, gesticulação, fabricação de ferramenta, colheitas de grãos, reconhecimentos de fisionomias e sexo etc., por meio dos quais uma infinidade de informações visuais – formas, unidades, padrões, orientações sequências- é interpretada em um piscar de olhos (FISCHER, 2006, p.12).

Podemos observar que a leitura se faz então necessária para atuação do homem em sociedade, todas essas leituras envolviam tarefas a serem executadas. O autor ainda ressalta que

O homem de Neandertal e os primeiros *homo sapiens sapiens*liam entalhes em ossos sinalizando algo que lhes fosse significativo-pontuação de um jogo, marcações de dias ou de ciclos lunares. A arte rupestre também era “lida” como histórias visuais dotadas de informações com significado. (...) A sinalização permitia que mensagens simbólicas fossem lidas à distância: bandeiras, fumaça, fogo, reflexos em metais polidos e outros dispositivos. (...) Todas essas “leituras” envolviam códigos predeterminados (FISCHER, 2006, p.14).

Desse modo a leitura antecede a escrita, através da visualização de expressões corporais, sinais emitidos como sons, fumaça, que serviam como forma de comunicação pela necessidade do homem de reprodução e sobrevivência da espécie. Então, surge a escrita através de símbolos e signos, o que para Aranha (2006, p.52) "não poderia reduzir-se à transcrição das línguas faladas" , mas também às diversas formas de expressões através da pintura corporal, marcas no corpo acompanhadas de rituais ou festividade, marcas de pegadas, "a escrita simboliza a ausente presença do outro; ela

representa a alteridade do sujeito, mostra a morte ao sujeito” (ARANHA, 2006, p.52). Com a invenção da escrita, segundo Aranha (2006), cada civilização revelou a forma de escrita que a representava: os hieróglifos egípcios, os caracteres cuneiformes da Mesopotâmia, os ideogramas chineses até difundir-se ainda mais no segundo milênio, por volta de 1.500 a. C. (data incerta) quando os fenícios inventaram a escrita fonética alfabética. “Originando uma definição mais moderna da leitura, a capacidade de extrair sentidos de símbolos escritos ou impressos” (FISCHER, 2006, p.11).

Desta forma, o autor conclui que

No início ela consistia na mera capacidade de obtenção de informações visuais com base em algum sistema codificado bem como na compreensão de seu significado. Mais tarde passou a significar, quase de modo exclusivo a compreensão de um texto contínuo com sinais escritos sobre uma superfície gravada. Mais recentemente incluiu também a extração de informações codificadas de uma tela eletrônica. E a definição de leitura continuará, por certo, a se expandir no futuro porque, assim como qualquer outra aptidão, ela também é um indicador do avanço da própria humanidade (FISCHER, 2006, p.11).

Podemos compreender que a leitura está relacionada com a escrita, por ser uma forma que o homem utiliza para se expressar e fazer registros, os quais podem ser consultados, porém a leitura vai além da decodificação de símbolos e signos, o homem por meio de sua cultura pode realizar sua leitura de mundo através de fatos ocorridos, de mensagens, gestos, atribuindo-lhes significado de acordo com suas experiências de vida. Então, compreender o processo pelo qual se dá a leitura, permite ao indivíduo uma visão mais ampla do que é compreender um texto. Assim, a definição de leitura se relaciona com o avanço do homem, pois nem sempre existiu a escrita.

Portanto,

A leitura deve ser vista como uma das conquistas da espécie humana em seu processo evolutivo de hominização, mesmo porque o “nascimento e plenitude da razão estão condicionados pelo acúmulo de observações de outras mentes que nos precederam e que é transmitida pela palavra oral ou escrita” (SILVA, 1997, p.45).

A escrita torna-se uma forma segura para realizar registros, enquanto a arte rupestre um desenho poderia ter vários significados, a escrita passa ter função de transcrever o pensamento e a ação do homem de forma mais compreensiva, tornando-se uma testemunha imortal.

Segundo Aranha (2006, p.52) “a escrita é a mediação entre os tempos e os espaços, no caso concreto, espaço humano/ espaço sobrenatural”. Desse modo a escrita serve como instrumento para conhecer os bens históricos, produzidos pelo homem ao longo da história. "Por si só, a busca de diferentes suportes da escrita mostra, com toda a evidência, que o ser humano coloca sua engenhosidade a serviço de seu desígnio em construir o tempo e conferir-lhe sentido". A escrita funciona como intermédio entre o passado e o presente, assim

A escrita desloca, ao mesmo tempo, o autor e o leitor, enquanto sujeitos. Por um lado, o autor, permeado por seu escrito, é transformado por este porque tem necessidade de assumir o ato da escrita (...). Por outro, o leitor é transformado por tal ato; de fato o que lhe é oferecido para ver e / ou ler leva-o a interrogar-se sobre sua própria apreensão ou leitura do mundo; ora, essa relação com o espaço tempo da leitura já o deslocou em sua subjetividade (ARANHA, 2006, p.53).

Quando o leitor se depara com registros que lhe permite conhecer outras mentes e pensamentos, ele é levado a refletir sobre o que ele já conhece, levando o indivíduo a transformar-se diante do novo conhecimento e assumir um novo posicionamento do mundo que o circunda.

Para Haveloc (1995) apud Brodbeck et al. (2009, p.20) em seu artigo a comunicação nas sociedades pré-históricas acontecia através da oralidade para o autor “a escrita nas sociedades restringia-se às elites clericais ou comerciais às quais se davam o trabalho de aprendê-la”. Com o alfabeto, que facilitava os registros de transações comerciais, os fenícios se destacaram como excelentes negociantes. “A simplificação da escrita contribui para que ela deixasse de ser monopólio de uma minoria e perdesse aos poucos o caráter sagrado” (ARANHA, 2006, p.44).

Em cada época as formas de ler eram distintas (BRODBECK et al., 2009) com o domínio da igreja na Idade Média “a leitura se tornou privilégio dos monges” estes tinham como função copiar novos livros e também eram guardiões da cultura greco-romana, e as leituras públicas eram comuns. Em 1440, na Renascença a invenção da imprensa, por Johannes Gutenberg, transformou grandemente os modos de leitura; a produção em grande escala permitiu um novo público que por ter condições comprava livros para ler em

particular, permitindo ao leitor uma emancipação em relação ao domínio da igreja.

Com os avanços crescentes no século XIX, a leitura atingiu um grande público, além do jornal havia a preocupação de baratear o custo do livro, democratizando a leitura, e impulsionando o mercado editorial. No entanto, é o século XX que marca ainda mais o avanço desenfreado, "a invenção do automóvel, do avião, da televisão e do cinema, revolucionaram o tempo e o espaço" originando dessa forma um leitor fragmentado "o fato de os filmes terem em média uma hora de projeção faz com que os roteiristas e diretores utilizem recursos de cores, sons, cortes para transpor obras literárias para a tela" (BRODBECK et al. 2009, p.22), tornando o leitor fragmentado pela quantidade de informações que necessita assimilar e pela falta de tempo ao leitor para reter os novos conhecimentos.

Portanto, torna-se completamente relevante compreender um pouco da história da leitura, para que haja um contexto, e a partir daí compreender a importância da leitura na sociedade, pois sem reconhecer que desde os primórdios ela fez parte da evolução da espécie, ela se torna então insignificante, pois como afirma Morin (2007, p.45) "para articular e organizar os conhecimentos e assim reconhecer e conhecer os problemas do mundo se faz necessária a reforma do pensamento".

2.1 Leitura: um conceito

Como vimos o significado de leitura para cada sociedade se modifica, conforme o avanço do homem, o que nos leva a compreender que a leitura se prende com a realidade. Foi através da realidade do homem que surgiu a escrita, pela necessidade de registros e comunicação em qualquer sociedade. Freire afirma que "A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade de leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente" (FREIRE, 1997, p.11).

Para Freire compreender o texto criticamente implica a percepção da relação entre o texto e o contexto. Ou seja, o ato de ler vai além da decodificação das letras que compõem um texto, o ato de ler exige do leitor seu conhecimento

de mundo. O conhecimento de mundo que antecede o mundo letrado e faz parte das experiências de vida desde o nascimento, são, portanto consideradas leitura de mundo. Martins ressalta que

Desde os nossos primeiros contatos com o mundo, percebemos o calor e o aconchego de um berço diferentemente das mesmas sensações provocadas pelos braços carinhosos que nos enlaçam. A luz excessiva nos irrita, enquanto a penumbra tranqüiliza. O som estridente ou um grito nos assustam, mas a canção de ninar embala nosso sono. (...) Começamos assim compreender, a dar sentido ao que e a quem nos cerca. Esses também são os primeiros passos para aprender a ler (MARTINS, 1982, p.11).

Desde o nascimento a criança vai realizando a leitura dos acontecimentos a sua volta, a interpretação do que ele vivencia define suas reações, um aprendizado natural que vai acontecendo de acordo com as interações com o outro e o com o meio. Dessa forma o leitor é responsável em atribuir, sentido ao texto ou não de acordo com seus conhecimentos anteriores, possibilitando modificar sua visão de mundo, podendo transformá-la e transformando a si mesmo. De acordo com Kleiman

O leitor utiliza na leitura o que ele já sabe o conhecimento adquirido ao longo de sua vida. É mediante a interação de diversos níveis de conhecimento, como o conhecimento lingüístico, o textual, o conhecimento do mundo, que o leitor consegue construir o sentido do texto. E porque o leitor utiliza justamente diversos níveis de conhecimento que interagem entre si, a leitura é considerada um processo interativo (KLEIMAN, 1989, p.13 apud LEITE e OLIVEIRA, 2004, p.20)

Assim a partir do conhecimento anterior e das experiências de vida é que se permite que o leitor atribua o sentido ao que ele lê. Em seu artigo Leite e Oliveira (2004) compreendem que, mesmo quando um texto é finalizado, ele ainda está inacabado, pois é o leitor que lhe dará vida, pois, como afirma Lajolo, ler um texto implica

Atribuir-lhe um significado, conseguir relacioná-lo a todos os outros textos significativos para cada um, reconhecer nele o tipo de leitura que seu autor pretendia e; dono da própria vontade entregar-se a essa leitura, ou rebelar-se contra ela, propondo outra não prevista (LAJOLO, 1997, p.91 apud LEITE e OLIVEIRA, 2004, p.21).

Diante do que o leitor se depara ao atribuir o sentido ao texto, o mesmo pode se defrontar com conhecimentos anteriores, causando desequilíbrios ou adquirir um novo conhecimento; desse modo a leitura é considerada um processo interativo, em que o leitor pode comparar assimilar ou contestar o que leu e então

dar vida ao texto, pois a partir disso o que ele leu não está mais somente no papel senão com ele mesmo podendo ser utilizado pelo leitor em outros momentos na construção do conhecimento.

Para Freire o ato de ler se torna um ato político na luta, na ação contra a hegemonia, transformando-se em um instrumento que liberta o indivíduo de seu estado de alienação, superando a concepção ingênua. Como afirma Silva (1997, p.112) “A leitura crítica é condição para a educação libertadora, é uma condição para a verdadeira ação cultural que deve ser implementada junto a todas as instituições voltadas à disseminação da cultura”. Para o autor, uma barreira na formação de leitores é o acesso ao livro e o crescente avanço das tecnologias de comunicação e informação em massa. Os meios de audiovisuais têm servido com propósitos de manipulação e alienação, por isso a leitura é considerada como instrumento para a conquista da liberdade, pois segundo o autor o controle exercido sobre o livro é muito menor do que o controle exercido sobre os meios de comunicação; além do mais a letra impressa dispõe de credibilidade de documento podendo ser consultada, exibida e guardada. “O ato de ler transforma-se num ato de questionamento e contestação” (SILVA, 1997, p.76). A leitura permite um posicionamento por parte do indivíduo, tornando mais sólidos seus argumentos, sendo vista como uma atividade questionadora e contestatória, permitindo o posicionamento crítico dos indivíduos frente à realidade social.

Se o “ler” for tomado como um ato de libertação, como uma atividade provocadora de consciência dos fatos sociais por parte do povo, então é interessante ao poder dominante que as condições de produção da leitura sejam empobrecidas ao máximo, ou seja, que o acesso ao livro e a um certo tipo de leitura (acrítica-transformadora) seja dificultado ou bloqueado (...) são marcas de uma política que não privilegia a popularização do livro e da leitura em nossas sociedades (SILVA, 1997, p,63).

Percebe-se então a importância da formação de indivíduos conscientes do papel da leitura em nossa sociedade e sua contribuição para a formação do mesmo, se conseguir formar bons leitores teremos consequentemente cidadãos críticos, reflexivos e atuantes na sociedade, por meio do

exercício pleno da cidadania implica a capacidade de leitura, pois o desenvolvimento da competência de atribuir sentido ao texto escrito possibilita posicionamento crítico do sujeito diante do mundo circundante (...) a leitura permeia todas as relações e quem não lê tem pouca chance de conquistar um lugar ao sol nessa civilização hodierna (Fernandes, 2007, p, 12).

Desse modo a leitura se torna indispensável para a atuação do indivíduo transformador dos processos sociais, quem não lê, pouco tem para argumentar, e quanto mais quem não sabe ler fica à margem da sociedade, dependente e submetido ao outro. Britto (2001) apud Fernandes (2007, p.83) afirma que “a leitura não pode ser vista como um ato redentor capaz de salvar o indivíduo da miséria e da ignorância, a leitura é uma prática social, uma ação cultural construída historicamente, e, conseqüentemente, “um ato político”. Segundo Fernandes embora entre os estudiosos haja divergência sobre leitura, ninguém discorda que as habilidades de ler e escrever são indispensáveis para o exercício da cidadania. A autora faz relações entre letramento e condição social e ressalta quanto menor o tempo de escolaridade e condição socioeconômica menor seu desempenho. Conclui Ribeiro (2003, p.20) apud Fernandes (2007, p.18) “habilidades básicas de leitura e escrita estão muito desigualmente distribuída entre a população brasileira, e tal desigualdade está associada a outras formas de desigualdade e exclusão social”. Tais habilidades de leitura se tornam indispensáveis para atividades corriqueiras do cotidiano que exigem do sujeito codificar e interpretar o código escrito, como ler um contrato, ir ao banco, etc.

Para Romeu (1994) apud Fernandes (2007, p.16), é preciso estabelecer programas que obriguem “qualquer instituição que se chame escola” a ter antes uma preocupação com a formação de seus estudantes (...); além disso, que tenha a preocupação de que seus estudantes tenham o hábito de ler, porque só assim estarão formando cidadãos capazes de transformar a sociedade. Torna-se necessário que o educador tenha consciência de seu papel na formação de leitores, como afirma Fernandes

“Todavia, aprender a ler não é uma atividade natural, para a qual se capacita sozinho. Entre livros e leitores há importantes mediadores. Além da família, o mediador mais importante é, ou deveria ser, o professor, figura fundamental na história de cada um dos alunos. A leitura é ferramenta essencial para a prática de seu ofício, por isso ele precisa revelar-se um leitor apaixonado e uma forte referência para seus aprendizes (FERNANDES, 2007, p.32).

É preciso que o professor também tenha hábitos de leitura, buscando meios de acordo com a realidade que o cerca e proponha momentos em que não apenas o aluno, mas ele também juntamente com os alunos possa ler.

A autora ainda afirma que

Cabe a ele o papel de desenvolver no aluno o gosto pela leitura a partir de uma aproximação afetiva e significativa com os livros. Não há receitas a seguir; cada professor, de acordo com sua história de leitura e as necessidades de seu alunato, tem condições de avaliar seu melhor caminho a ser desbravado. No entanto que haja êxito na formação do leitor, o professor precisa efetivar uma leitura estimulante, reflexiva, diversificada, crítica, ensinando os alunos a usarem a leitura para viverem melhor (FERNANDES, 2007, p.32).

O professor precisa criar estratégias que propiciem momentos de leitura, que despertem no aluno não só o gosto pela leitura, mas que também os levem a compreender sua função social, para isso torna-se necessário que o professor direcione os trabalhos de leitura com a turma.

2.2 As práticas de leitura e a formação do sujeito leitor

Segundo Silva (1997, p.47), a formação de leitores em nossa sociedade está amarrada a uma série de fatores de ordem social, cultural e econômica "necessárias para que a prática da leitura seja efetivamente exercida". Para o autor não adianta o indivíduo saber ler se não há objetos de leitura à disposição do mesmo, se não há tempo para usufruir os bens culturais. A luta de recuperar o real significado da leitura não está desvinculada a outras lutas das classes trabalhadora. Segundo Silva (1997, p.49) "essas lutas devem ser organizadas e ocorrer em conjunto com outras reivindicações da sociedade civil voltadas ao questionamento crítico das estruturas sociais e à construção de uma nova sociedade: justa e democrática". Desta forma, segundo Silva um

pré-requisito básico para o desenvolvimento da leitura numa sociedade diz respeito á formação de leitores através do processo de alfabetização. É este mesmo processo que vai permitir aos indivíduos compreender e transformar o significado potencial de mensagens expressas através da escrita, conservadas em livros ou em outros veículos que se utilizam da linguagem escrita. Ser alfabetizado, então, é ter possibilidade de penetrar nos horizontes culturais que fazem parte do mundo da escrita.(...) É importante ressaltar que a alfabetização, apesar de ser um componente essencial para a formação de leitores, não é suficiente em si mesma, para garantir a evolução da leitura numa sociedade (SILVA, 1997, p.47).

Alfabetizar não é suficiente para formar leitores em uma sociedade; ler como vimos anteriormente, não significa apenas decodificar letras ou símbolos, mas atribuir sentido, questionar, refletir, ler é um processo interativo. Os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa alerta sobre concepções errôneas sobre a leitura, uma delas é de que ler é converter letras

em sons, por conta desse erro a escola forma grandes quantidades de leitores que decodificam textos, mas não compreendem o que leem.

Formar um leitor competente supõe formar alguém que compreenda o que lê; que possa aprender a ler o que não está escrito, identificando elementos implícitos; que estabeleça relações entre o texto que lê e outros textos já lidos; que saiba que vários sentidos podem ser atribuídos a um texto; que consiga justificar e validar a sua leitura a partir da localização de elementos discursivos (BRASIL, 2001, p.54).

O leitor competente não lê apenas por ler, o leitor competente compreende, interpreta, faz relações com conhecimentos anteriores. Outra concepção que necessita ser superada, segundo os PCNs de Língua Portuguesa a qual é corroborada por Silva (1997), é a da “interpretação única”, a de que o professor é o único que possui essa interpretação ou a de que a interpretação do texto é a correta, limitando outra interpretação possível do texto pelo leitor, impedindo que o aluno expresse seu ponto de vista, pois a etapa reflexiva da leitura é eliminada, os conflitos são abafados com atividades prontas. Como afirma o autor

Uma consequência drástica que merece ser aqui ressaltada diz respeito á “interpretação única” do texto indicado pela leitura. Isto quer dizer que o professor ou o próprio livro didático possui a chave da interpretação, e ao aluno leitor não é dada a chance de propor outras interpretações possíveis ao documento escrito (SILVA, 1997, p.52).

Compreende-se, então o leitor como um sujeito ativo, capaz de questionar a leitura expressa em um texto. Como afirma Leite e Oliveira (2004) “o leitor não recebe passivamente as informações e ideias do autor: ele reage, questiona, problematiza e posiciona-se diante delas (p.21)”. Para que isso seja possível e preciso organizar as práticas pedagógicas de ensino, além de formar profissionais conscientes do papel da leitura dentro da sociedade. Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa

Se o objetivo é formar cidadãos capazes de compreender os diferentes textos com os quais se defrontam, é preciso organizar o trabalho educativo para que experimentem e aprendam isso na escola. Principalmente quando os alunos não têm contato sistemático com bons materiais de leitura e com adultos leitores, quando não participam de práticas onde ler é indispensável, a escola deve oferecer materiais de qualidade, modelos de leitores proficientes e práticas de leitura eficazes (BRASIL, 2001, p.55).

Podemos observar que a prática docente deve estar voltada à valorização de momentos que oportunizam ao aluno ler e que o professor deve ser consciente de seu papel na formação de leitores, ainda segundo os PCNs é preciso oferecer aos alunos os diversos tipos de textos, incentivando-os a ler não só no ambiente escolar, mas como fora dele, até porque a leitura está significativamente relacionada em qualquer lugar da sociedade, pois segundo os PCNs de Língua Portuguesa

Essa pode ser a única oportunidade de esses alunos interagirem significativamente com textos cuja finalidade não seja apenas resolução de pequenos problemas do cotidiano. É preciso, portanto, oferecer-lhes os textos do mundo: não se formam bons leitores solicitando aos alunos que leiam apenas durante as atividades nas salas de aula, apenas o livro didático, apenas porque o professor pede. Eis a primeira e talvez mais importante estratégia didática para a prática de leitura: o trabalho com a diversidade textual. Sem ela pode-se até ensinar a ler, mas certamente não se formarão leitores competentes (BRASIL, 2001, p.55).

Desse modo, para formar o aluno leitor é necessário o trabalho com a diversidade textual e o conhecimento do educador em relação à necessidade de leitura para a formação do aluno, para que o mesmo crie propostas de incentivo à leitura de acordo com a realidade escolar e da comunidade. Dentro dessa visão, a alfabetização é, sem dúvida, uma das prioridades no contexto atual, pois o professor alfabetizador tem a função de auxiliar na formação para o bom exercício da cidadania.

Para exercer sua função de forma plena é preciso ter clareza do que ensina e como ensina. Para isso, não basta ser um reproduzidor de métodos que objetivem apenas o domínio de um código linguístico. É preciso ter clareza sobre qual concepção de alfabetização está subjacente à sua prática.

3. Metodologia

A metodologia do trabalho apresentado trata-se de um estudo de caso, pois segundo Ludke e André (1986, p.17) “O caso é sempre bem delimitado, devendo ter seus contornos claramente definidos no desenrolar do estudo”. O estudo de caso pode ser qualitativo ou não, porém Bodgan e Biklen (1982) apud Ludke e André (1986) apontam como as características da pesquisa qualitativa: o ambiente natural como fonte de dados e o pesquisador como principal instrumento,

sendo que os problemas devem ser estudados no ambiente em que eles ocorrem naturalmente sem manipulação do pesquisador. Os dados coletados devem ser ricos em descrições, de pessoas, situações, entrevistas, desenhos, fotografias, citações para esclarecer um ponto de vista, para que haja uma melhor compreensão do problema que está sendo estudado; A preocupação com o processo deve ser maior do que com o produto, pois o interesse do pesquisador ao estudar um determinado problema é verificar como ele se manifesta nas atividades, nos procedimentos e nas interações cotidianas; O significado que as pessoas dão às coisas são focos de atenção especial, isto é, a tentativa de capturar a perspectiva dos participantes, da maneira como os informantes encaram as questões que estão sendo focalizadas; A análise dos dados tende a seguir um processo indutivo, o estudo inicia-se em focos de interesses muito amplos, que no final tornam-se diretos e específicos.

Um instrumento utilizado na pesquisa será a observação. Para que se torne um instrumento válido e fidedigno de investigação científica, a observação precisa ser antes de tudo controlada e sistemática. Isso implica a existência de um planejamento cuidadoso do trabalho e uma preparação rigorosa do observador (LÜDKE e ANDRÉ, 1986, p.25). A observação a qual exige um preparo do observador, pois segundo Patton (1980) apud Lüdke e André (1986, p. 26) “para realizar as observações é preciso material, físico, intelectual e psicológico”. O observador, diz ele, “precisa aprender fazer registros descritivos, saber separar detalhes relevantes dos triviais, aprender a fazer anotações organizadas e utilizar métodos rigorosos para validar suas observações”, os quais serão a base para a sua análise.

Outro instrumento utilizado será a entrevista que segundo Lüdke e André (1986, p. 34) tem grande vantagem sobre outras técnicas, pois que ela permite a captação imediata e corrente da informação desejada, praticamente com qualquer tipo de informante e sobre os mais variados tópicos. Segundo essas autoras, o tipo de entrevista, em educação, seguem esquemas mais livres e menos estruturados, com base em um roteiro, porém flexível de acordo com aquilo que se quer descobrir. Tratando-se de pesquisa com problemática que permeia o ambiente escolar, pais, professores, diretores e outros.

Nenhum assunto lhes será estranho, portanto poderão discorrer facilmente como afirma,

Será preferível e mesmo aconselhável o uso de um roteiro que guie a entrevista através dos tópicos principais a serem cobertos. Esse roteiro seguirá naturalmente uma certa ordem lógica e também psicológica, isto é, cuidará para que haja uma sequência lógica entre os assuntos, dos mais simples ao mais complexos, respeitando o sentido do seu encadeamento. Mas atentar-se também para as exigências psicológicas do processo, evitando saltos bruscos entre as questões, permitindo que elas se aprofundem no assunto gradativamente e impedindo que questões complexas e de maior envolvimento pessoal, colocadas prematuramente, acabem por bloquear as respostas às questões seguintes (LÜDKE E ANDRÉ, 1986, p.36).

A análise documental também se fez necessária na verificação de projetos relacionados ao tema, encontrado no Projeto Político da escola, pode ela se “constituir numa técnica valiosa de abordagem de dados qualitativos, seja complementando as informações obtidas por outras técnicas, seja desvelando aspectos novos de um tema ou problema” (LÜDKE E ANDRÉ, 1986, p.38).

Para Lüdke e André (1986), uma das situações em que é apropriado o uso da análise documental é quando se pretende ratificar e validar informações obtidas por outras técnicas de coleta, como a entrevista e a observação, caso da pesquisa por nós efetivada.

3.1 Lócus da pesquisa

O lócus da pesquisa se encontra na zona urbana periférica, especificamente no bairro São Domingos, a escola municipal foi criada pelo Decreto n 2278/80. A escola oferece Educação Infantil (pré-escola) a partir de cinco anos e Ensino Fundamental de 1º ao 5º ano e escola tem como objetivo melhorar a qualidade do ensino-



Figura 1. Frente da escola

Fonte: Arquivo Pessoal

aprendizagem além de dinamizar a gestão participativa de processos. A filosofia da escola tem como eixo norteador assegurar a qualidade de ensino na socialização

dos conhecimentos, garantindo acesso e estimulando a permanência do aluno na escola, formando cidadãos críticos e criativos, capazes de agir com respeito e transparência na transformação da sociedade. A escola dispõe ainda, de oito salas de aula, uma sala de tecnologia, secretaria, cozinha, sala de direção, sala de professores, banheiro feminino e masculino para os alunos, quadra não coberta, parque e um estacionamento para os professores.

3.2 Sujeitos da pesquisa

Os participantes da pesquisa são alunos do terceiro ano do Ensino Fundamental e professora do terceiro ano formada em Pedagogia e Pós-graduada em metodologia de Ensino e Ciências Biológicas (licenciatura plena) a professora atua há vinte e sete anos na mesma escola nos anos iniciais.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

4.1 Análise documental: O Projeto Político Pedagógico

A análise da proposta pedagógica deu início à investigação das práticas de leitura na escola já que a mesma norteia toda ação educativa no âmbito escolar. Pois,

O plano da escola é um guia de orientação para o planejamento do processo de ensino. Os professores precisam ter em mãos esse plano abrangente, não só para uma orientação do seu trabalho, mas para garantir a unidade teórico-metodológico das atividades escolares (LIBÁNEO, 1994, p.230).

Percebeu-se que na apresentação da proposta pedagógica consta um projeto de leitura "ler com prazer", no entanto seu desenvolvimento dentro desta não foi constatado, apenas na apresentação. A pesquisadora buscou analisar dentro do documento os objetivos para o Ensino Fundamental e objetivo da disciplina de Língua Portuguesa, buscando apresentar aqueles que são relevantes para o tema abordado. Observou-se que há uma preocupação, com a formação de alunos leitores haja vista que, o primeiro objetivo para o Ensino Fundamental visa "ao desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo (PPP, p.18)". Tal objetivo encontra-

se na Lei de Diretrizes e Bases 9394/96 em seu art.32, sendo ele o primeiro inciso da lei. Dessa forma a escola pretende atender às necessidades do aluno garantidas por lei. Um dos objetivos de Língua Portuguesa para o terceiro e quarto ano é “ler autonomamente diferentes textos dos gêneros previstos para o ano, sabendo identificar aqueles que respondem as suas necessidades imediatas e selecionar *estratégias* para abordá-las”. Outro objetivo é “produzir textos escritos, coesos e coerentes, dentre os gêneros previstos para o ciclo, ajustado a objetivos e *leitores determinados*” (PPP, *ibidem*, p.33).

A metodologia de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental é um fator relevante para a pesquisa; no documento escolar observou-se que “toda educação verdadeiramente como exercício da cidadania precisa criar condições para o desenvolvimento da capacidade de uso eficaz da linguagem que satisfaça necessidades pessoais ligadas ao cotidiano” (PPP, p.126).

Percebendo então a consciência da escola em relação ao domínio da leitura como apropriação da linguagem oral e escrita, como instrumentos que satisfaçam as necessidades do indivíduo no cotidiano, no meio ao qual está inserido, como instrumento de melhoria da condição e qualidade de vida. Contudo, o Projeto Político Pedagógico da escola alerta que “a conquista da escrita alfabética não garante ao aluno a possibilidade de compreender e produzir texto em linguagem escrita”, ou seja, como vimos anteriormente, ser alfabetizado não é suficiente para garantir a formação de leitores competentes. As metodologias abordadas no documento escolar estão ancoradas nos Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa, o qual visa à prática pedagógica com a diversidade textual, despertando o interesse pela leitura, sendo as atividades desenvolvidas a rigor, segundo o documento, em grupo, dupla ou em trio, utilizando diversos tipos de leitura: leitura silenciosa, leitura em grupo, compartilhada, coletiva, roda de leitura ou mesmo em voz alta.

4.2 As observações e a entrevista

A sala do terceiro ano foi escolhida pelo fato de ser o ano em que surgiu o tema para a pesquisa anteriormente. Entretanto, a pesquisadora observou não só a

sala do terceiro ano, mas a escola de modo geral á grosso modo. Ao iniciar as observações, logo se percebeu que as salas do primeiro ao terceiro ano possuem um cantinho da leitura. Notou-se que a turma do terceiro ano, em que as observações ocorreram, possui uma rotina, no início de cada aula.

Primeiramente é realizada uma oração; em seguida, cantam três músicas e em seguida a professora escolhe um livro do cantinho da leitura que fica no fundo da sala e se direciona à frente e em voz alta lê o livro para as crianças, sempre deixando o livro de frente para que a turma possa visualizar as imagens, quando o livro traz uma pequena história, a professora conta-a toda de uma vez, quando o livro traz uma história um pouco mais longa ela continua no dia seguinte. É visível uma interação dos alunos com as histórias eles reagem com risos e comentários entre si, como define Leite e Oliveira (2004, p.21) “o leitor não recebe passivamente as informações e ideias do autor: ele reage, questiona, problematiza e posiciona-se diante delas”.

O livro é selecionado de acordo com o conteúdo que está sendo trabalhado, por exemplo, durante uma das observações a professora utilizou um livro cujo título era “A família Boxer”, enfatizando assim os sons do “x”. Durante uma das observações realizadas ao chegar à escola, o sinal ainda não havia tocado notou-se que os alunos estavam no cantinho da leitura, o que demonstra a importância de disponibilizar ao aluno materiais de leitura na formação do mesmo. Os alunos estavam lá, sem que necessariamente lhes fosse pedido, apenas estavam ali por prazer ou curiosidade. Segundo os PCNs de língua portuguesa "formar leitores é algo que requer, portanto, condições favoráveis para a prática da leitura (...) dispor, nos anos iniciais, de um acervo de classe com livros e outros materiais de leitura" (BRASIL, 2001, p.59). Outro fator importante destacado por Silva (1997) diz respeito



Figura 2. Cantinho da leitura

Fonte: Arquivo Pessoal

a recuperar o valor social da leitura através da revisão da definição de suas funções no âmbito escolar.

Entretanto, apesar da prática de leitura encontrada na escola ser satisfatória, percebe-se que ainda outras práticas sufocam a participação crítica do aluno, como dito anteriormente; os alunos reagem com risos, falam entre si, mas em nenhum momento lhes é dada a oportunidade de expressar o que ouviram ou o que compreenderam. Essa prática que elimina a etapa reflexiva da leitura, relatada por Silva (1997), também é vista segundo os PCNs como o mito da interpretação única "fruto do pressuposto de que o significado está dado no texto (p.52)"

É necessário que o professor tente compreender o que há por trás dos diferentes sentidos atribuídos pelos alunos ao texto: às vezes é porque o autor "jogou com as palavras" para provocar interpretações múltiplas; às vezes porque o texto é difícil ou confuso; às vezes é porque o leitor tem pouco conhecimento sobre o assunto tratado e, a despeito do seu esforço, compreende mal (BRASIL, 2001, p.57).

Uma prática docente tradicional observada na escola, de modo geral, que não acontece somente na sala do terceiro ano, é o enfileiramento da carteiras em todo o tempo em que a pesquisadora esteve na escola, em nenhum momento foram observados momentos que propiciassem discussões e reflexões no trabalho com a leitura ou mesmo com outras atividades, como a roda de leitura, encontrada na Proposta Pedagógica escolar. É preciso rever as práticas pedagógicas que formam os futuros cidadãos, pois segundo Grochoska (2012, p.28) "o professor não conseguirá desenvolver em seus alunos a consciência crítica e reflexiva se ele mesmo não exercitar isso ou conceber essa prática como essencial para o alcance do objetivo de seu trabalho". Portanto, percebe-se que há a consciência da necessidade de trabalhos de leitura para o desenvolvimento dos alunos, porém ainda há necessidade de rever algumas práticas docentes que impedem a formação do aluno crítico e reflexivo.

A entrevista, realizada com a professora regente do terceiro ano, buscando conhecer a visão da mesma em relação ao tema, buscou-se em questões de 1 a 5 proposta no questionário em apêndice.

A primeira questão sobre sua formação está relatada no item sujeitos da pesquisa, ressaltando que a professora trabalha há vinte e sete anos nos anos

iniciais na mesma escola em que hoje atua. Na segunda questão a professora relata “diariamente é feita a leitura deleite; também fazemos leitura oral coletiva ou individual de textos nos livros didáticos, livros de historinhas, gibis, revistas e outros”. Um aspecto relatado pela professora em relação à leitura deleite quando a mesma diz que é realizada diariamente, nem sempre ela acontece, devido a comportamento ou atividades a serem cumpridas, porém normalmente as crianças podem fazê-la no final de cada aula quando terminam as atividades. Visto que a leitura deleite é aquela leitura que é feita pelo simples prazer de ler sem qualquer obrigação ou objetivos didáticos-pedagógicos definidos.

Organizar momentos de leitura livre em que o professor também leia. Para os alunos não acostumados com a participação em atos de leitura, que não conhecem o valor que possui, é fundamental ver seu professor envolvido com a leitura e com o que conquista por meio dela. Ver alguém seduzido pelo que faz pode despertar o desejo de fazer também (BRASIL, 2001, p.58).

Questionada sobre o posicionamento das crianças em relação à leitura a entrevistada diz que “os alunos se envolvem e participam”. Na quarta pergunta relacionada a projetos de leitura a mesma responde: “Temos o cantinho da leitura que provém do curso Pacto; desenvolvido na área de Língua Portuguesa pelos professores do 3º Ano. Está em andamento desde 2013”.

O PNAIC é um compromisso formal, assumido pelos governos federal, do Distrito Federal, dos estados e municípios, de assegurar que todas as crianças estejam alfabetizadas até os oito anos de idade, ao final do 3º ano do ensino fundamental. No Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa serão desenvolvidas ações que contribuam para o debate acerca dos direitos de aprendizagem das crianças do ciclo de alfabetização; para os processos de avaliação e acompanhamento da aprendizagem das crianças; para o planejamento e avaliação das situações didáticas; para o conhecimento e uso dos materiais distribuídos pelo Ministério da Educação, voltados para a melhoria da qualidade do ensino, no ciclo de alfabetização. O curso presencial de dois anos para professores alfabetizadores, com carga horária de cento e

vinte horas, é baseado no Programa Pró-Letramento, cuja metodologia propõe estudos e atividades práticas.

Em relação aos resultados obtidos com o projeto, a educadora relata: “Obtivemos resultado positivo, pois o cantinho de leitura despertou mais o interesse do educando em relação aos diferentes tipos de textos expostos”.

Como podemos encontrar no PCN de Língua Portuguesa

a prática de leitura na escola se torna necessária por muitas razões, pois ela pode: Ampliar a visão de mundo e inserir o leitor na cultura letrada; estimular o desejo de outras leituras (...) Uma prática intensa de leitura na escola é, sobretudo, necessária, porque ler ensina ler e escrever (Brasil,2001, p.64).

Durante as observações realizadas na escola, a pesquisadora buscou a coordenação escolar para questionar sobre o projeto encontrado na Proposta Política Pedagógica “Ler com prazer” para saber se o mesmo está em andamento. Em resposta a coordenadora disse que em cada sala há um cantinho da leitura e que esse mesmo projeto foi substituído pelo



Figura 3. Caixas contendo livros do projeto (sala de coordenação).

Fonte: Arquivo Pessoal

Pacto, na sala da coordenação encontram-se caixas que pertencem ao cantinho da leitura; cada turma possui sua caixa. A coordenadora relatou ainda que as caixas ficam na coordenação porque na sala não há espaços para elas, mas frequentemente os livros são trocados e utilizados pelas professoras.

Anteriormente, o local era conhecido pelas crianças e funcionava como a biblioteca segundo a coordenadora pedagógica, havia uma pessoa responsável em cuidar disso, os alunos podiam pegar livros e levar para casa, mas hoje não é possível, pois os livros são destinados ao cantinho da leitura e não há ninguém que possa cuidar disso.

Um fator observado foi que o Pacto é um programa que atende necessariamente às crianças até os oito anos de idade, regularmente matriculadas no terceiro ano do ensino fundamental; entretanto, na escola

apesar de não ter na sala de aula o cantinho da leitura nas salas de quarto e quinto ano, as mesmas turmas também possuem suas caixas com livros, portanto reforçando que a escola tem consciência do seu papel na formação de leitores.

Como afirma Libâneo (2004) apud Grochoska (2012, p.21) “A escola da qual a sociedade necessita hoje é aquela que luta contra a exclusão econômica, política, cultural e pedagógica, provendo formação básica (como ler, escrever)”. Assim, a escola pesquisada está buscando essa formação discente a partir do que está ao seu alcance, compreendendo sua função na formação do aluno, apesar das práticas de leitura realizadas pelos docentes seja, ainda marcada pelo tradicionalismo, mesmo pela falta de conhecimento do professor em relação ao assunto tratado, impedindo uma atuação reflexiva, participativa e conseqüentemente crítica do aluno. Manter a disciplina e a ordem da turma são fatores que ameaçam as práticas de leitura na escola, práticas que despertam o gosto pela leitura e que formam o sujeito contestador.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho de pesquisa apresentado buscou mostrar a importância da leitura para a formação do indivíduo crítico, reflexivo e transformador dos processos sociais. Levando o leitor a compreender que a leitura é um processo essencial à convivência do homem na sociedade, a partir de um contexto histórico do processo de evolução do homem, dessa forma compreende-se a afirmação de Freire que leitura e realidade se prendem dinamicamente. As reflexões realizadas também permitiram construir um conceito de leitura por meio dos diferentes teóricos e aspectos na constituição do sujeito leitor.

Analisando dessa forma a prática docente na escola lócus da pesquisa, especificamente no terceiro ano do ensino fundamental, tendo em vista a quantidade de analfabetos e analfabetos funcionais no Brasil, de modo geral, observou-se que a escola valoriza a leitura como instrumento importante para acesso ao conhecimento, dessa maneira a escola já possuía seu projeto de leitura anteriormente ao Pacto, e por isso, disponibilizava livros de histórias para os alunos no incentivo à leitura, o resultado obtido na pesquisa, portanto foi satisfatório quanto à aplicação de projetos, porém a prática docente ainda está amarrada ao tradicionalismo impedindo, dessa forma, práticas que oportunizam ao aluno uma participação crítica.

Outro fator que está vinculada às dificuldades de aprendizagem é a falta de materiais aos alunos, pois ainda que a escola disponha do cantinho da leitura, hoje ela não dispõe de sua biblioteca, ainda que de pequeno porte. Pode-se concluir, pois, que a escola trabalha a leitura de acordo com sua realidade social e econômica. O projeto que provém do Pacto está em andamento, ficando evidente que as práticas docentes ainda se deixam levar apenas pelo tradicionalismo, o que ressalta a falta de compreensão por parte dos docentes, da necessidade de atividades que despertem a criticidade do aluno, formando assim o sujeito transformador e atuante nos processos sociais.

A realização da pesquisa traz sua contribuição quanto à reflexão da temática para a formação acadêmica, o educador precisa ser consciente que a prática pedagógica está relacionada com a formação do indivíduo frente à realidade social. Ter consciência da formação de leitores na sociedade se faz

necessária na formação de futuros educadores, compreender que a leitura é um processo indispensável para o desenvolvimento do educando tanto para vida escolar, como para uma convivência digna em uma sociedade onde o código escrito se faz presente. Ressaltando que a aquisição do código escrito não é suficiente para formação de leitores em uma sociedade, portanto a temática pretende proporcionar uma reflexão à cerca das práticas pedagógicas que, impedem a formação de indivíduos críticos, contestadores e transformadores da realidade social, levando em consideração que a leitura crítica liberta o indivíduo da alienação e opressão através do conhecimento adquirido, não imutável.

Portanto, a preocupação com o processo foi maior do que com o produto ao verificar como ele se manifestou nas atividades, nos procedimentos e nas interações cotidianas, dessa maneira a observação da prática docente, a interação dos alunos, permitiu concluir como o trabalho com a leitura está contribuindo para a formação de leitores críticos.

REFERÊNCIAS

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da Educação e da Pedagogia**: geral e do Brasil. 3. ed. São Paulo: Moderna, 2006.

BRODBECK, Jane Thompsom et. Al **Estratégias de leitura em língua portuguesa** / organizada pela Universidade Luterana do Brasil.--Curitiba: Ibpex, 2009.

CARVALHO, Marlene. **O Guia prático do alfabetizador**. São Paulo: Ática, 2001.

FERNANDES, Célia Regina Delácio **Leitura, literatura infanto-juvenil e educação**. Londrina: eduel, 2007.320 p.:il.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 35. ed. São Paulo: Cortez, 1997.

FISCHER, Steven R. **História da leitura**/ Steven Roger Fischer; tradução Cláudia Freire. – São Paulo: Editora Unesp, 2006. Disponível em http://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=vE_TtRotBFsC&oi=fnd&pg=PA7&dq=hist%C3%B3ria+da+leitura&ots=AfAi7IiS8C&sig=pYdJDjzMFZOiCXVad1uuJR3hkEI#v=onepage&q=hist%C3%B3ria%20da%20leitura&f=false acessado em 14 de junho de 2014 às 11:33am.

GROCHOSKA, Marcia Andréia **Organização escolar: perspectivas e enfoques** – Curitiba: InterSaberes, 1ª ed 2012.

LEITE, Sérgio Antônio da Silva; OLIVEIRA, Lilian Ricartede; **Leitura : Teoria e prática/ Associação de leitura do Brasil**.-ano 22,n 42 mar. (2004). -- Campinas, SP: ALB; São Paulo: Global Editora, 2004.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. 11. ed. São Paulo: EPU, 2008.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura?** São Paulo : Brasiliense, 2012. (Coleção primeiros passos;74) 1982.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro** 12. ed.- São Paulo: Cortez; Brasília, DF : UNESCO, 2007.

Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa/ Ministério da educação. Secretaria da Educação Fundamental.- 3 ed.-Brasília: A Secretaria,2001.

PILETTI, Nelson, **Educação básica: da organização legal ao cotidiano escolar**1.ed. – São Paulo: Ática, 2010.

SILVA, Ezequiel Theodoro **Leitura e Realidade Brasileira** 5ª ed.- Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997.

SITES PESQUISADOS

<http://pacto.mec.gov.br/index.php>
[/http://pacto.mec.gov.br/component/content/article/26-eixos-de-atuacao/54-formacao](http://pacto.mec.gov.br/component/content/article/26-eixos-de-atuacao/54-formacao) acessado em 13 de novembro de 2014 às 09:35 a.m.

<http://www.jusbrasil.com.br/topicos/11691412/artigo-32-da-lei-n-9394-de-20-de-dezembro-de-1996#> acessado em 09 de dezembro de 2014 às 09:42.

APÊNDICE



APÊNDICE A-

Considerando a pesquisa de monografia da acadêmica Tatiane Barros Camargo, responda ao questionário a seguir:

QUESTIONÁRIO

1. Qual a sua formação? Há quanto tempo atua?

2. Como a leitura é trabalhada na escola?

3. Qual é o posicionamento das crianças em relação à leitura?

4. Existe algum projeto de leitura? Como ele é desenvolvido? Há quanto tempo está em andamento? Se existe algum projeto de leitura por qual motivo ele foi pensado ou criado?

5. Quais foram os resultados obtidos com esse trabalho ou projeto? Como foi o envolvimento dos educandos nesse processo?

Obrigada!!!